

HEGEMONIAS DÍSPARES: POR UMA NOVA INTERPRETAÇÃO DA CONTROVÉRSIA LENIN-BOGDÁNOV

Pedro Ramos de Toledo¹

Resumo: A publicação de “Materialismo e Empirio criticismo” em maio de 1909 marcou o fim da trégua estabelecida desde 1904 entre as diferentes correntes que compunham a Facção Bolchevique em assuntos filosóficos e colocou em rota de colisão seus dois principais líderes naquele momento: Vladimir Lenin e Aleksandr Bogdánov. Tal controvérsia é comumente vista a partir da leitura isolada de “Materialismo e Empirio criticismo”, de Lenin, sem dar a devida atenção para o complexo contexto político, tático e epistemológico no qual tal obra foi produzida, fundamental para um adequado entendimento do rico cenário intelectual que cercava as lideranças do Partido Operário Social Democrata Russo (POSDR), na primeira década do século XX. Este trabalho busca atingir dois objetivos, a saber: propor, para além da questão epistemológica, a hipótese que qualifica tal debate em um nível mais profundo, essencialmente organizacional; e, a partir dessa dimensão, refletir comparativamente sobre as formas que Bogdánov e Lenin empregaram para tratar das questões referentes à constituição da hegemonia enquanto condição prévia para a tomada de poder revolucionária.

Palavras-chave: Lenin, Bogdánov, Materialismo, Empiriomonismo, Hegemonia.

Abstract: The publication of “Materialism and Empirio criticism”, in May 1909, marked the end of the truce established since 1904 in the Bolshevik Faction on philosophical matters and put in conflict the faction’s two main leaders at the time: Vladimir Lenin and Aleksandr Bogdanov. This controversy is commonly analyzed from the perspective of Lenin’s “Materialism and Empirio criticism” on its own, without the due attention to the political, tactical and epistemological context in which the work was produced, which is central for an adequate understanding of the rich intellectual scenery that surrounded the Russian Social Democratic Labour Party (RSDLP) leaders in the first decade of the twentieth century. Our objective is twofold: to propose, beyond the epistemological question, the hypothesis that qualifies such a debate at a deeper level, which is essentially of organizational nature; and, from this dimension, to comparatively reflect upon the ways in which Bogdánov and Lenin dealt with questions regarding the constitution of hegemony as a precondition for the revolutionary seizure of power.

Keywords: Lenin, Bogdanov, Materialism, Empiriomonism, Hegemony.

Aleksandr Aleksandrovich Malinovskii (Bogdánov) foi por muitas décadas, uma das personagens mais suprimida e negligenciadas pela historiografia soviética. Essa condição causa estranheza ao se aperceber do papel crucial que exerceu nos primeiros anos de formação do Partido Operário Social Democrata Russo (POSDR), bem como da importância de sua obra dentro das mais diversas esferas de ação cultural e política nas duas primeiras décadas do século XX. Sua obra foi publicada de forma mais ou menos contínua até o final dos anos 1920, desaparecendo com o endurecimento da censura estalinista e controle do Estado Soviético sobre a produção historiográfica referente ao período anterior à ascensão de Stalin (Gloveli & Biggart, 1991, p.31). Mantida no limbo por um longo período, foi apenas nas últimas décadas que a obra de Bogdánov passou a receber atenção de estudiosos no Ocidente (Sochor, 1988, p.9). Membro original da Facção Bolchevique, foi durante a cisão no Congresso de Genebra em 1903 - que colocou Lenin e Martov em lados opostos e resultou na criação das facções menchevique e bolchevique - que Bogdánov escolheu ficar ao lado de Lenin, tornando-se então um de seus principais colaboradores (White, 2018, p.99). Durante a

¹ Historiador. Email: ramos.toledo@gmail.com, Mestre em História Econômica

maior parte do exílio de Lenin, Bogdánov foi, talvez, o principal intermediador entre o líder bolchevique e os membros da facção que ainda permaneciam na Rússia, condição essa possível graças à intensa atividade revolucionária à qual Bogdánov se dedicava (Jensen, 1978, p.32). O destaque político de Bogdánov entre os bolcheviques era inegável: foi eleito para o Comitê Central do POSDR em 1905, 1906 e 1907; durante a Revolução de 1905, era o representante bolchevique junto ao soviete de São Petersburgo; além disso, atuou intensamente na redação de diversos veículos informativos bolcheviques como os jornais *Vpered* ("Avante"), *Proletarii* ("Proletários") e *Novaia Zhizn'* ("Vida Nova") (Jensen, 1978, p.36).

Entre 1904 e 1906, Bogdánov publicou os três volumes de "*Empiriomonismo: ensaios em filosofia*". Nessa obra Bogdánov buscou incorporar ao que ele entendia como lacunas na teoria marxista conceitos teóricos produzidos por cientistas e filósofos da ciência como Ernst Mach, Richard Avenarius, Wilhelm Ostwald, Ernst Haeckel, Joseph Dietzgen e Hebert Spencer. Fundamentando-se no empiriocriticismo de Ernst Mach, Bogdánov buscou desenvolver uma teoria do conhecimento que, ao mesmo tempo em que se fundamentava na práxis social, rejeitava sua interpretação a partir de categorias dicotômicas, como atividade/pensamento; sujeito/objeto; objetivo/subjetivo; matéria/espírito. Tais dicotomias seriam expressões da percepção gradativamente diversa dos agentes sociais surgida a partir do conjunto de saberes produzidos pela atividade social total, da qual se encontravam alienados pela causalidade fetichista da sociedade capitalista. A partir desse postulado, Bogdánov desenvolveu uma forma heterodoxa de marxismo, epistemologicamente fenomenológico e metodologicamente funcionalista (Boll, 1981, p.53). Jovraski (1961, p.59) aponta que, a despeito do desagrado que sentia para com as tendências revisionistas de Bogdánov, Lenin defendeu a unidade do centro bolchevique a partir da trégua em assuntos filosóficos, evitando assim tensionar a fração ao ponto de ruptura. Nos anos seguintes à revolução de 1905, esse acordo velado acabou por se corroer, levando a tênue aliança ao ponto de ruptura definitiva, concretizada com a expulsão de Bogdánov do Comitê Editorial do Jornal "*Proletarii*" – e da própria facção – em junho de 1909. Ao lado de Bogdánov, diversos intelectuais bolcheviques – Lunacharskii, Gorkii, Prokrovskii, Bazarov, Krasin, entre outros – acabaram por se desligarem da facção. As discordâncias entre Lenin e Bogdánov se transformaram em um cisma com a expulsão desse último, em cujo entorno criou-se um grupo de oposição à influência de Lenin dentro da facção bolchevique, cujos enfrentamentos se estenderiam nos anos seguintes: o grupo *Vpered* (Ballenstrem, 1969, p.291).

As razões que levaram ao rompimento definitivo entre Bogdánov e Lenin e ao cisma do centro bolchevique em 1909 são diversas e geraram divergências entre os estudiosos que se debruçaram sobre essa questão. Autores como Jensen (1978, p.3) e Sochor (1988, p.7) apontam para a controvérsia referente aos fundos ilegais da facção bolchevique, então administrados por Leonid Krasin e Aleksandr Bogdánov cujas formas de aquisição eram vistas com desconforto por Lenin, principalmente depois que o POSDR elegeu deputados para a III Duma; Daniels (1960, p.21) e Biggart (1990, p.5) se concentram nas diferenças táticas e programáticas que separavam os dois líderes bolcheviques no contexto pós revolucionário de 1907: enquanto Lenin enxergava na participação dos Deputados eleitos para a III Duma um palco de agitação política e uma nova frente de ação para desgastar poder da Autocracia Russa, Bogdánov defendia o aprofundamento das atividades de propaganda, acreditando ainda na retomada do fervor revolucionário de 1905 e exigindo por meio de um ultimato o compromisso dos deputados eleitos para com a radicalização. Rowley (1996, p.6) defende a centralidade do debate acerca do papel espontaneísta das massas como determinante para a ruptura entre os dois líderes. Dentre essas diversas interpretações, Marot (1990, p.246) apresenta aquela que tomamos como a mais sofisticada: o cisma de 1909 acabou catalisado por profundas diferenças filosóficas acerca dos fundamentos do marxismo. Essa havia sido uma ruptura epistemológica que se manifestou nas questões programáticas, táticas e políticas que alimentaram os debates da época e marcou definitivamente as carreiras revolucionárias e os fundamentos teóricos de ambos. Para Bogdánov, o cisma de 1909 e sua expulsão da facção bolchevique o levou à criação do círculo "vperedista", que atuou na Itália entre 1909 e 1911. Após sua dissolução, Bogdánov se afastou progressivamente das atividades políticas em favor de estudos filosóficos, culturais e posteriormente científicos (Rowley, 1996, p.11). Lenin, por sua vez, produziu sua principal obra filosófica: "*Materialismo e empiriocriticismo*" (ME) e se tornou líder incontestado da facção bolchevique, estabelecendo ali as bases epistemológicas do que viria a ser tornar o marxismo-leninismo.

Essa controvérsia expôs duas visões táticas e teóricas conflitantes e, em diversos pontos, antagônicas quanto aos rumos da revolução e da construção do socialismo, cujas consequências reverberaram pelo período formativo da URSS, e foi central para a constituição teórica do marxismo-leninismo. No entanto, se o papel de Lenin neste processo foi extensivamente trabalhado pela Historiografia, o mesmo não pode ser dito de Bogdánov e de sua obra. Os fatores que levaram ao apagamento de sua participação na vida política russa e soviética são muitos e contrastam com a importância e impacto que seu pensamento teve sobre diversos revolucionários bolcheviques da velha guarda, chegando mesmo a rivalizar, durante certo período, com o marxismo ortodoxo de Plekhánov e Lenin (Gorelik, 1983). Sochor (1988) entende ser o estudo do pensamento bogdanoviano indispensável para compreender os anos formativos da revolução de 1917 tanto pelo que foi quanto por aquilo que não foi e poderia ter sido, isto é, dentro das múltiplas possibilidades que se abriam para a construção do socialismo e que foram descartadas e parcialmente esquecidas na realização do devir histórico.

MATERIALISMO DIALÉTICO COMO EPISTEMOLOGIA DA CIÊNCIA

A historiografia tradicional em geral - e marxista em particular - compartilha das visões de Lenin sobre as consequências imediatas da derrocada da Revolução de 1905 (Hobsbawm 1988, p.398; Sternin 1988, p.8). A ressaca do movimento despertou na *Intelligentsia* russa as mais diversas reações, desde o afastamento da luta revolucionária, como é o caso do círculo de marxistas legalistas de Berdiaev, até a proliferação de diversas correntes revisionistas e místicas que buscavam explicar as razões do fracasso e a posterior reação do regime czarista. Dentre a miríade de interpretações da obra marxiana produzidas por um universo intelectual extremamente diverso, Lenin escolheu a influência machiana como principal risco para a unidade da facção bolchevique. Essa escolha não se deu de forma arbitrária. Bogdánov, ao lado de intelectuais como Lunacharski e Bazarov, buscou de fato atualizar a teoria marxista a partir do empiriocriticismo de Ernst Mach e Richard Avenarius, uma vez que entendia haver "lacunas" na obra de Marx quanto ao papel do conhecimento e das ideologias na capacidade de resiliência da forma capitalista de produção (Sochor, 1988, p.7). Para além da questão epistemológica, pesava também na decisão de Lenin o papel protagonista que Bogdánov exercia junto aos radicais e intelectuais do bolchevismo. O papel de liderança de Bogdánov naqueles anos talvez explique por que Lenin ignorou diversas outras derivações para centrar suas baterias contra o machianismo². Para entendermos a crítica de Lenin ao empiriomonismo de Bogdánov, talvez seja necessário compreender contextualmente como ambos desenvolveram suas teorias a partir desse debate.

Em meio a um acalorado debate com os marxistas neokantianos do círculo de Kaluga, realizado nos últimos anos do séc. XIX, Bogdánov se utilizou do empiriocriticismo de Ernst Mach para refutar as categorias apriorísticas de Berdiaev. Para Mach, toda percepção é resultado de uma relação adaptativa entre o pensamento e o ambiente. É por meio da percepção que organismos adquirem dados do ambiente e a partir desses dados avançam em direção a uma posição de equilíbrio entre si e os estímulos ambientais. Esse equilíbrio encontra-se sempre localizado em uma limite ótimo de dispêndio de energia em relação ao processo de adaptação: quanto mais energia é economizada no processo de adaptação, mais eficientes são os complexos de elementos que organizam esse processo. A conservação de energia era para Mach o critério de verdade objetiva: é por meio do "output" de esforço despendido para obter equilíbrio que se estabelece uma forma ótima e, portanto, verdadeira (Banks, 2003, p.35). Para Mach, toda e qualquer análise de cunho científico deveria partir desses complexos de sensações, empiricamente mensuráveis por meio da observação. Sua posição epistemológica lhe colocava em confronto direto com a abordagem mecanicista da ciência do final do século XIX ao rejeitar quaisquer abstrações que busquem explicar o fenômeno sem que possam ser empiricamente verificadas e descritas. Era a partir desse pressuposto que Mach

² De acordo com Jensen (1978, p.12), o termo "machianismo" foi utilizado pela primeira vez por Plekhánov em 1905 durante o 4o Congresso do POSDR para designar o grupo de social-democratas que dera embate aos marxistas neokantianos e acabaram influenciados pelo empiriocriticismo. A partir do cisma de 1909, o termo "machiano" passou a ser utilizado como forma derogatória para designar quaisquer marxistas que tentassem interpretar a obra marxiana de forma heterodoxa.

rejeitava o atomismo e a concepção newtoniana de espaço, por considerar que ambas pressupunham um elemento absoluto - seja da matéria, seja do espaço³. A natureza, que contém os elementos em estado de caos, interage por meio das sensações com a consciência, que produz, a partir da interconexão com esses elementos neutros, complexos de elementos, passíveis de serem reduzidos às particularidades fundamentais da experiência e, a partir daí, incorporados à experiência e finalmente descritos. Toda metafísica é descartada em favor da descrição dos fenômenos uma vez que as “coisas-em-si” são irrelevantes, já que não podem ser experimentadas e testadas. O monismo neutro de Mach era essencialmente fenomenológico (Banks, 2003, p.105).

No entanto, ao propor a suspensão, a partir da categoria empiriocriticista de experiência, da dicotomia entre matéria e espírito, Bogdánov acabou em rota de colisão com Plekhánov. Essa divergência se estendia desde 1899, quando Akselrod publicou uma crítica bastante hostil ao primeiro trabalho filosófico de Bogdánov: “*Elementos Básicos da Visão Histórica da Natureza*”. Nessa obra, escrita a partir dos cursos que ministrava nos círculos operários de Tula, Bogdánov fez suas primeiras incursões nos conceitos que formariam posteriormente a estrutura de sua filosofia. Na busca por um sistema lógico que desse conta de questões filosóficas cada vez mais amplas e que adequasse a filosofia marxista às descobertas das ciências naturais, Bogdánov acabou por rejeitar a dialética por entender que essa não era capaz de dar conta da multiplicidade de processos que ocorrem na natureza. A dialética, segundo ele: “(...) sugere fatos de desenvolvimento que são característicos de seres vivos... (...) indica precisamente o desenvolvimento por contradição’, o que é menos ainda um fato universal” (White, 2018, p.21).

A partir da constatação de que todo sistema se encontra em constante estado de fluxo energético com seu ambiente, Bogdánov propôs que a organização de um sistema era determinada pela relação entre forças componentes dentro desse mesmo sistema, cuja resultante tendia a se anular. Em lugar da dialética, Bogdánov propôs uma teoria dinâmica do equilíbrio, cuja manifestação poderia ser observada em todas as esferas da existência. Para Bogdánov, sua teoria dinâmica do equilíbrio poderia explicar mais sucintamente e com maior nível de precisão a passagem entre as transformações quantitativas para qualitativas, i.e., o objeto dialético da crise. Uma crise nada mais seria do que a superação de uma força sobre outras forças contra-arrestantes (White, 2018, p.33). Esse processo de constante adaptação entre os elementos encontram-se no cerne do empiriocriticismo de Mach, fortemente influenciado pela teoria da seleção natural de Darwin e pelo energitismo de Ostwald (White, 2018, p.40).

Entre os anos de 1905 e 1908, o debate acerca da epistemologia materialista foi empreendido por Bogdánov e Plekhánov. Em 1907, em artigo intitulado “Carta aberta para Plekhánov” (*Otkrytoe pis'mo Plekhánovu*) e publicado no jornal “Arauto da Vida”, Bogdánov exortou Plekhánov a publicar integralmente suas análises sobre o machianismo e revisionismo bolchevique (Joravsky, 1961, p.31). Essa resposta só viria a ser publicada no ano seguinte, em setembro de 1908, no jornal “Voz Social-Democrata” (*Golos Sotsial-demokrata*) com o título “*Materialismus Millitans: Réplica para o Sr. Bogdánov*”. Nessa carta aberta Plekhánov reafirma toda sua hostilidade em relação à pessoa de Bogdánov (o senhor não é meu camarada) e pontua suas principais críticas ao empiriocriticismo (Plekhanov, 1976 [1908]), críticas essas que seriam posteriormente retomadas por Lenin em ME. Entre os dois teóricos encontrava-se Lenin. Filiado filosoficamente à corrente ortodoxa de Plekhánov, Lenin encontrou-se apartado de seu mentor a partir de 1904, quando Plekhánov passou a apoiar a facção menchevique; ao mesmo tempo, Bogdánov, abertamente revisionista, trouxe para facção bolchevique importantes intelectuais como Lunacharsky e Stepanov. Preso entre convicção filosófica e necessidade política, Lenin concordou em manter a facção filosoficamente neutra, evitando assim um debate direto com Bogdánov e seus companheiros. Plekhánov e Akselrod não perdiam uma oportunidade de lembrá-lo de sua posição delicada. No 3o Congresso do POSDR, realizado em maio de 1905, Plekhánov acusou diretamente a facção bolchevique de flertar com o revisionismo filosófico de Ernst Mach. Esse embaraço era agravado pelo fato de que o principal

3 De acordo com Eric Banks, Mach rejeitava a ideia newtoniana de espaço e tempo absolutos, pois acreditava que uma posição dada em um eixo tridimensional é sempre relativa a um determinado ponto de origem. Para Mach toda posição é relativa à posição de um observador. Eric Banks credita à crítica de Mach dirigida à mecânica newtoniana alguns elementos que antecipam a mecânica relativista de Albert Einstein (Banks, 2003, p. 22).

veículo bolchevique - o jornal "Proletários" - tinha entre seus editores três intelectuais revisionistas: Bogdánov, Lunacharsky e Bazarov (Joravsky, 1961, p.28).

Concentrado em refutar a abordagem empiriomonística de Bogdánov. Plekhánov estruturou sua crítica escolhendo como alvo principal de sua análise o empiriocriticismo de Mach cuja influência entre a *Intelligentsia* fomentou, de acordo com ele, um idealismo subjetivo e essencialmente solipsista. É interessante notar que Plekhánov não dedica em seu trabalho grande esforço para analisar o pensamento de Bogdánov como um trabalho independente. Para Plekhánov bastaria desconstruir o falso monismo de Mach para lançar por terra as teorias de Bogdánov. Esse é tratado por Plekhánov com indisfarçado desprezo, como alguém que "...não sabe nada sobre materialismo, seja sobre sua história, seja como é hoje"; ou "(...) como um homem de considerável diligência, mas de muito pouco talento" (Plekhánov, 1976 [1908]). Plekhánov, para derrubar Bogdánov, mirou em Mach. Para tanto, recorreu a Feuerbach: "ao provar que algo é, significa que aquele algo existe não apenas em pensamento"; e Engels: "A real unidade do mundo reside em sua materialidade" (Plekhánov, 1976 [1908]).

Plekhánov fundamentou sua crítica epistemológica a partir da definição de corpos materiais, definindo-os como "aqueles objetos que existem independentemente de nossa consciência e, agindo sobre nossos sentidos, excitam em nós certas sensações, as quais por sua vez delineiam nossas noções do mundo externo" (Plekhánov, 1976 [1908]). A partir desta definição, Plekhánov buscou apontar as inconsistências de dois postulados fundamentais para o empiriocriticismo de Ernst Mach: os conceitos de complexos de sensações e experiência. Plekhánov cita Mach a partir de sua obra "Análise das sensações", inserindo na citação suas próprias interpretações:

Não são corpos que produzem sensações, mas complexos de elementos (complexos de sensações) que formam corpos. Se corpos parecem a um físico ser algo duradouro e real e elementos sua reflexão transiente e transitória, ele não percebe que todos os corpos são tão somente símbolos lógicos para complexos de elementos (complexos de sensação)⁴ (Plekhánov 1976 [1908]. Grifo acrescido).

Por meio de sua definição de matéria como "objeto que existe independentemente da consciência", Plekhánov define por sua vez o que entende por experiência:

Cada experimento e cada atividade produtiva do homem representa uma relação ativa de sua parte com o mundo externo, uma invocação deliberada de determinado fenômeno. E como um fenômeno é fruto da ação de uma coisa-em-si sobre mim (Kant diz a afetação de mim por aquela coisa), ao executar um experimento ou engajar na produção desse ou daquele produto, eu forço a coisa-em-si a "afetar" meu ego em uma maneira definida, determinada por mim de antemão (Plekhánov, 1976 [1908]).

Para Plekhánov, a experiência consiste na ação do sujeito sobre um objeto que existe fora dele mesmo, que lhe é exterior. Para ele, objetos continuam a existir em sua materialidade, independentemente se os mesmos encontram-se ou não ao alcance da experiência. Em um segundo momento da carta, Plekhánov volta a vincular a existência da materialidade como fato anterior à experiência:

Ao dizer "nossa experiência", eu tenho em mente experiência humana. Mas estamos cientes que houve um tempo em que não havia humanos em nosso planeta. E se não havia humanos, tampouco havia experiência. No entanto a Terra ainda existia. E isto

⁴ Uma leitura da obra de Mach nos mostra que em sua filosofia "complexos de elementos" não é o mesmo que "complexo de sensações", como Plekhánov sugere. As sensações são, para Mach, o fenômeno constituinte da intersecção de elementos físicos-neutros e psíquicos-cognitivos. A sensação não é sinônimo, mas deriva do complexo de elementos que surgem por meio da experiência. (Boll, 1981, p.42).

significa que isso (também uma coisa-em-si) existia fora da experiência humana (Plekhanov, 1976 [1908]).

Parece-nos aparente que essa crítica é menos um ataque às concepções empiriocriticistas de Mach e mais uma reafirmação da definição ortodoxa de matéria, razão que principiou em primeiro lugar o debate entre machianos e neokantianos no começo do século XX. Nem Mach e tampouco Bogdánov afirmaram que a natureza existe tão somente a partir da experiência humana, como faz supor o exemplo de Plekhánov. Para ambos, a natureza existe externamente, mas em uma forma neutra - em estado de caos - e é reorganizada pela cognição por meio da experiência. Também para ambos os estímulos que nutriam a experiência ingressavam do mundo exterior, na forma de elementos físicos. A acusação de idealismo, ainda que verdadeira, parte de uma premissa falsa: a concepção de supremacia do psíquico sobre o físico. Essa premissa entra em desacordo com o monismo de ambos os pensadores, que viam o mundo natural como uma realidade holística, da qual a cognição era parte integrada (Bogdánov, 2016 [1913], p.xvi).

É plausível pensar que o debate entre Plekhánov e Bogdánov acabou por servir como gatilho para o fim do pacto de neutralidade filosófica entre as diferentes correntes que compunham o Centro Bolchevique. A favor desta hipótese consta a reaproximação entre Lenin e Plekhánov após a saída deste último do Conselho Editorial do jornal menchevique “A Voz Social-Democrata” em dezembro de 1908 (Krausz, 2017). Este é um momento que sucedeu não somente o debate acima citado, mas também acompanhou o distanciamento político que se estabeleceu entre Lenin e Bogdánov a respeito da participação parlamentar na III Duma. Esta reaproximação também se deu no momento em que Lenin devotou seus esforços, entre fevereiro e outubro de 1908, a escrever “ME”. É interessante notar a similaridade entre as estruturas formais de “*Materialismus Militans*” e “ME”. Ainda que seja uma obra mais sofisticada e de maior fôlego do que os artigos de Plekhánov, Lenin se utiliza da mesma estratégia: centrar suas críticas no empiriocriticismo de Mach, desviando-se da tarefa de aprofundar suas críticas à obra autoral de Bogdánov, reservando-lhe três breves seções de sua obra. As semelhanças entre as estratégias discursivas adotadas por Lenin e Plekhánov levantam hipóteses interessantes que lançam nova luz sobre o cisma bolchevique de 1909 e que não foram previamente levantadas na bibliografia que se debruça sobre a questão. Muitos estudiosos já citados apontam para a publicação de “*Materialismo e Empiriocriticismo*” como marco final da trégua filosófica estabelecida entre Lenin e Bogdánov quando do ingresso desse último às fileiras bolcheviques em 1904. Joravsky (1961) argumenta que Lenin lutou até o último momento para conservar a neutralidade da facção em assuntos de filosofia em favor da unidade política, resistindo a todas as provocações lançadas contra ele por Plekhánov e Akselrod e, mesmo durante o episódio da III Duma em 1907 que colocou Lenin e Bogdánov pela primeira vez em campos opostos no que se referia à unidade política. Às vésperas da ruptura, Lenin insistiu em manter o partido neutro quanto às questões filosóficas, desejo que expressou em diversos momentos, como em sua visita à villa de Gorki em Capri no verão de 1908, onde Bogdánov residia em exílio (Jensen 1978, p.22; Sochor 1988, p.43; Joravsky 1961, p.34).

Ao defender Plekhánov e sua concepção de matéria, Lenin objetivou provar que o materialismo de forma geral contém em si os elementos necessários para fundamentar filosoficamente o conhecimento científico (Marot, 1993, p.152). Não faremos aqui uma resenha pormenorizada de ME. Interessa-nos, a partir de sua leitura, reproduzir sucintamente alguns de seus principais aspectos de forma a compreender o desenvolvimento do pensamento de Lenin.

Tomaremos como ponto de partida a forma como Lenin define “matéria” por entendermos que há semelhanças no método de exposição de Lenin com aquele utilizado por Marx em “*O Capital*”, i.e., partir da categoria elementar e específica (mercadoria) para a totalidade das formas universais (Capital) e suas inter-relações. A definição de matéria em ME percorre toda a obra, tornando-se mais sofisticada e plástica à medida que Lenin avança em seu argumento central: a defesa do materialismo como fundamento autossuficiente da ciência. Após elaborar longa crítica às inadequações das teorias de Avenarius e Mach sobre o caráter sensual da matéria, Lenin define a matéria como uma “(...) categoria filosófica para designar a realidade objetiva, que é dada ao homem nas suas sensações, que é copiada, fotografada, refletida pelas nossas sensações, existindo independentemente delas.” (Lenin, 1982, p.97). Posteriormente ao procurar uma definição científica para o conceito, Lenin reforça essa descrição: “A realidade objetiva que existe independentemente da consciência humana e que é refletida por ela” (Lenin, 1982, p.198). Por fim, Lenin sustenta a

categoria do movimento - fundamental para o processo dialético de desenvolvimento - como realização da concretude do mundo que se reflete no pensamento. Não pode haver matéria sem movimento: "O mundo é o movimento dessa realidade objetiva, refletida pela nossa consciência" (Lenin, 1982, p.203).

A crítica de Lenin à concepção de matéria de Avenarius e Mach concentra-se no fato de que suas concepções negam a matéria que existe independentemente da consciência e tornam o critério de objetividade um fator mediador entre o físico e psíquico, produzindo aí um relativismo subjetivista em que tal critério é determinado pela experiência do sujeito. Para Lenin a matéria é coisa-em-si e tem uma objetividade absoluta, cuja existência não pode ser relativizada sem adentrar em quaisquer das muitas formas de materialismo. No entanto, diferentemente da teoria dos hieróglifos de Plekhánov, essas representações da matéria diferem na consciência de sua fonte precisamente porque a fonte encontra-se sempre em movimento em relação à consciência (Lenin, 1982: 180).

Marot (1993) aponta que, ao estabelecer esses três postulados i.e. 1) a natureza objetiva da matéria; 2) a reflexão dos fenômenos que partem da matéria na consciência; e 3) a natureza da matéria encontra-se em constante movimento, Lenin ancorou as bases do pensamento científico em uma epistemologia materialista. A matéria existe sob uma condição absoluta e, se assim o é, também há uma verdade última. Ao negar a natureza objetiva da matéria, machianos acabam por confundir critérios de verdade e objetividade da verdade, produzindo por isso uma teoria anticientífica, porque antimaterialista. Para Lenin, os machianos - e Bogdánov - acabam por confundir critério de verdade com objetividade da verdade. A verdade última não perde sua existência objetiva tão somente pelo fato de que a fronteira que separa o conhecimento da verdade é imanente, móvel e historicamente determinada. Lenin demonstra que, ao negar a natureza independente da matéria em relação às nossas percepções e sujeitar a matéria enquanto elemento da experiência que se encontra em relação com quaisquer outros elementos, sejam físicos ou psíquicos, os empiristas acabam por negar qualquer verdade objetiva: "A inconsequência do vosso empirismo, da vossa filosofia da experiência, consiste nesse caso em que negais o conteúdo objetivo na experiência, a verdade objetiva no conhecimento experimental." (Lenin, 1982^a, p.96)

Para Lenin tantos machianos - Bogdánov em particular - quanto materialistas metafísicos falham em distinguir a verdade absoluta contida no mundo físico e as verdades relativas determinadas por critérios de verdade móveis, cujas fronteiras avançam conforme se expande o próprio conhecimento acerca do objeto. Isso se dá porque, de acordo com Lenin, ambos não percebem a relação dialética que se dá entre as verdades relativa e absoluta (Lenin, 1982a, p.100). Para afirmar sua posição, Lenin cita Engels em "*Anti-Duhring*":

O pensamento humano é tão soberano como não soberano, e a sua capacidade de conhecimento é tão ilimitada como limitada. Soberano e ilimitado pela sua natureza (ou estrutura), vocação, possibilidade e objetivo histórico final; não soberano e limitado pela sua realização individual e pela realidade dada num ou noutro momento (Lenin, 1982a, p.101).

A partir de Engels, Lenin define um movimento dialético em direção à verdade absoluta - soberana e ilimitada - a partir da soma de verdades relativas - limitadas e historicamente determinadas. O critério de verdade corresponde à aproximação a partir de verdades relativas da verdade soberana. Essas verdades relativas são "grãos" de verdades absolutas tão somente em limites muito estreitos (Yassour, 1983, p. 25). As leis científicas são uma verdade apenas aproximadamente, quando expostas em limites determinados. Conforme avançam esses limites a partir do crescimento do conhecimento - um movimento dialético que opera a partir da antinomia entre o erro e a verdade - novas verdades relativas se somam e antigas verdades acabam com limites mais estreitos ou mesmo descartadas em um processo crescente em direção à verdade soberana (Lenin, 1982a, p.102). De acordo com Lenin:

Do ponto de vista do materialismo contemporâneo, isto é, do marxismo, são historicamente condicionais os limites da aproximação dos nossos conhecimentos

em relação à verdade objetiva, absoluta, mas é incondicional a existência dessa verdade, é incondicional que nós nos aproximamos dela (Lenin, 1982a, p.102).

Essas recorrências não são meras legitimações do marxismo dialético, ameaçado pelo revisionismo machiano. A partir de sua teoria do reflexo, Lenin interpretará o próprio processo do devir histórico à luz da lei da transformação da quantidade em qualidade. De acordo com Engels: "(...) na Natureza, de um modo que se mantém sempre igual em cada caso particular, as mudanças qualitativas só se podem realizar por acréscimos ou por subtração quantitativa de matéria ou de movimento (a chamada energia)" (Engels, 1979, p.35).

As verdades relativas, limitadas às descobertas particulares e restritas a critérios de verdades móveis e imanentes, acumulam-se em um processo de superação do erro em direção à verdade até o momento em que produzem uma transformação qualitativa, que supera e transcende os mesmos limites, podendo estabelecer um saber total sobre o objeto ou ampliar as fronteiras de um dado sistema de pensamento.

A partir dos fundamentos do materialismo dialético de Engels, Lenin foi muito além de uma simples defesa da ortodoxia. Ele ancorou uma visão organizacional do Estado e da Revolução - sua práxis - em um substrato epistemológico alicerçado em sua teoria do conhecimento. A teoria do reflexo orientada pela lei de transformação da quantidade em qualidade conserva a condição essencial de auto movimento no processo dialético entre as verdades relativa e absoluta. Lenin integra por meio do materialismo dialético uma teoria do conhecimento que se harmoniza com as concepções de absoluto ao mesmo tempo em que contorna a natureza estática dessa mesma categoria. A partir dessa base epistemológica, Lenin definiu sua própria teoria de poder. A transformação da sociedade passa pela identificação na luta política de suas próprias contradições dialéticas. Armado da verdade relativa - das condições históricas presentes e objetivas, externas aos sujeitos, mas apreendida por eles - é possível para a vanguarda atuar como catalisadora dessas contradições, acumulando-as até que atinjam "massa crítica" e produzam uma mudança qualitativa no sistema, produzindo assim a superação da contradição dialética em uma nova forma sistêmica.

ME atua como marco em diversas instâncias. Em Lenin, marca o amadurecimento de suas ideias acerca do papel da vanguarda e dos fundamentos de sua teoria da revolução e do Estado. A tomada revolucionária do poder é o primeiro passo em direção ao socialismo. Sob a hegemonia da classe trabalhadora - liderada por sua vanguarda - o Estado orienta transformações quantitativas nas relações de produção que eventualmente produzem transformações qualitativas, metamorfoseando esse mesmo estado e suas classes constituintes em formas produtivamente superiores. Em 1911, em texto intitulado "*Aqueles que nos liquidariam*", Lenin definiu categoricamente o que entendia por hegemonia: "A hegemonia da classe trabalhadora é a influência política que essa classe (e seus representantes) exercem sobre outros setores da população, auxiliando-os a se livrarem de sua democracia" (Lenin, 1977, p.79).

O sentido de hegemonia em Lenin é essencialmente político. Sua condição é a tomada e manutenção do poder e, a partir dele, a construção do socialismo por meio de transformações quantitativas em direção à superação da sociedade de classes. A supremacia do aspecto político sobre outras dimensões sociais da hegemonia (arte, cultura, educação, etc.) exerceu forte influência nas diversas formas de atuação do Estado soviético junto à sociedade. Passaremos agora à concepção bogdanoviana de hegemonia e de que forma ela se desvia do teor político da concepção leninista de hegemonia ao se fundamentar no Empiriomonismo.

EMPIROCITICISMO OU EMPIRIOMONISMO?

Em 1910, Bogdánov publicou sua resposta à ME na forma de um apêndice à obra "*A Queda do Grande Fetichismo*". Sob o título "*Fé e Ciência*" (FE), Bogdánov buscou defender suas posições enquanto teórico marxista ao mesmo tempo em que acusou Lenin de autoritarismo e fideísmo. De acordo com Ballestrem (1969, p.294), a publicação de FE teve reduzido impacto, um sinal de que esse ciclo de debates havia se encerrado. Dada a dificuldade em acessar esse documento, podemos acompanhar os argumentos de Bogdánov somente através de fontes secundárias, notadamente os trabalhos de Ballestrem (1969), Marot (1993) e Brandist (2015).

Bogdánov buscou demonstrar em FE as principais diferenças entre seu pensamento e aquele de Mach, de forma a dirimir os ataques de Lenin expressos em ME. De acordo com Ballestrem (1969, p.294), Bogdánov concentrou-se em dois pontos principais: a relação entre as experiências física e psíquica; e o papel organizacional ativo do pensamento. É necessário apresentar alguns conceitos do Empiriomonismo de Bogdánov para ressaltar o que há de específico em seu sistema de pensamento quando comparado ao empiriocriticismo de Mach.

Em acordo com a crítica de Lenin, Bogdánov concorda que a ausência de um referencial de objetividade acaba por produzir no empiriocriticismo um supremo relativismo. Mach não buscou explicar como se daria o processo de formação dos complexos de elementos, ignorando nesse processo qualquer possibilidade de diferenciação entre as infinitas possibilidades de combinação desses complexos. Bogdánov, por sua vez, ressalta que esse não é o caso quando se trata do empiriomonismo. A partir de uma análise genética da interação sujeito-objeto, Bogdánov elaborou uma taxonomia que orienta a experiência em termos de organização. Originada no caos dos elementos, a experiência é apropriada por graus diferentes de organização desses elementos: a experiência psíquica-subjetiva, produzida pela apropriação de indivíduos; a experiência física-objetiva, produzida pela apropriação coletiva; e o conhecimento, produzido pela apropriação social (Ballestrem, 1969, p.296). Diferentemente de Mach, Bogdánov dedicou atenção especial ao processo de organização da experiência. Esse fato se perde na análise de Marot ao questionar a obra filosófica de Bogdánov como fundamentalmente subjetivista (Marot, 1993, p.157). Ainda que tenha negado a condição ontológica da matéria, a existência de níveis organizacionais da experiência obrigou Bogdánov a estabelecer uma condição de primazia dos elementos externos na constituição da consciência. Tal primazia, no entanto, não implica existência ontológica: esses elementos externos são desprovidos de sentido - neutros - e sua fisicalidade é condicionada pela experiência social. Essa experiência por sua vez se desenvolve através da reprodução social dos seres humanos, que na prática laboral organizam o caos dos elementos (a natureza) transformando-a e sendo transformado por ela.

Em seu esforço coletivo contra o mundo da resistência, expresso pela atividade laboral, a humanidade avança a partir de níveis mais elementares da experiência para níveis cada vez mais avançados. Nesse processo a experiência se desenvolve em direção à unidade físico-psíquica, saltando entre formas organizativas da produção e de suas estruturas ideológicas, que por sua vez reforçam as formas organizacionais do labor. Esse processo é dirigido evolutivamente, uma vez que a natureza atua como elemento regulador entre diferentes formas de organização laboral, selecionando as mais eficientes, econômicas e adaptáveis. No esforço imposto pelo trabalho social frente à resistência da matéria, a humanidade se transforma, psíquica e fisicamente.

Ainda que Bogdánov rejeite peremptoriamente a existência de quaisquer categorias absolutas, sua filosofia condiciona o desenvolvimento histórico a partir de relações econômicas objetivas. Tal objetividade, no entanto, é determinada não pela expressão ontológica do mundo, mas pela natureza social da forma com a qual os homens se realizam ao interagir com ele. Assim como Marx, Bogdánov condicionou o devir histórico à reprodução social dos homens, realizada a partir do trabalho. É por meio do trabalho que os homens fazem avançar a capacidade técnica das forças produtivas, das quais emergem complexos de elementos que, na forma de conhecimento, reforçam essas mesmas relações de produção (Rowley, 1996, p.5). Denominando esse processo de "sociomorfismo", Bogdánov produziu uma teoria do conhecimento científico sem depender das categorias absolutas. A partir da prática social do trabalho, os homens instam na consciência formas ideológicas, as quais por sua vez organizam os elementos da experiência - o conhecimento (Brandist, 2015, p.122). Bogdánov partiu do empiriocriticismo e do marxismo para produzir conclusões autorais bastante distintas daquelas apresentadas por Mach. Bogdánov poderia ser acusado de um mau marxista, mas apenas com algum esforço de machiano.

A tentativa de dar conta das teorias evolucionistas, darwinista e lamarckiana, em seu sistema nos mostra que Bogdánov mostrou uma preocupação especial com as permanências, com os processos de desenvolvimento, com a resiliência do fetichismo. Sochor (1988, p.49) propõe a partir dessas preocupações a aproximação do pensamento de Bogdánov ao funcionalismo estruturalista, aproximação essa que se deu nos anos que se seguiram ao fim do círculo vperedista. Verifiquemos agora como sua teoria organizacional se desenvolveu e de que forma ela contribui para compreender como Bogdánov entendia o conceito de hegemonia.

ENTRE A CULTURA E A REVOLUÇÃO

Em sua obra *“Revolution and Culture: The Bogdánov-Lenin Controversy”*, Zenovia Sochor atribuiu ao debate que dividiu o centro bolchevique em 1909 a justaposição de conceitos profundamente imbricados naquilo que a tradição radical russa entedia como formativos de um processo revolucionário: política e cultura (Sochor, 1988, p.5). Essa imbricação acabava por manifestar-se no seio dos debates políticos como efeito causal de um antinomia de primeira ordem, cuja presença, de forma mais ou menos explícita em contextos históricos diferentes, é constante na tradição radical russa: a tensão entre o velho e o novo.

Esse dilema - a construção de um novo mundo e de um novo homem a partir dos escombros do velho mundo - sempre fora preocupação constante dos movimentos socialistas revolucionários. O novo existe potencialmente enquanto possibilidade expressa no devir, mas não se pode realizar fora do mundo concreto, do velho mundo. A antinomia entre o velho e o novo é um dilema que estimulou debates entre os principais nomes do socialismo europeu no século XIX. A sua superação implicaria não somente a superação da sociedade de classes, mas, principalmente, que socialismo seria possível a partir das condições concretas dadas historicamente aos seres humanos, condições essas que deveriam servir como ponto de partida para a revolução social, mas cuja existência é dada e não escolhida.

A construção do socialismo enquanto etapa transitória para uma sociedade sem classes é, para este trabalho, o cerne do cisma que rompeu o centro bolchevique em 1909 e colocou suas lideranças mais proeminentes em campos opostos. Não deixa de ser irônico ver que o excerto da resposta de Marx para Bakunin poderia ser utilizado como analogia tanto para as posições de Lenin, quanto as posições de Bogdánov. Para aquele, a citação de Marx é (como é de fato) uma afirmativa: o proletariado age com as ferramentas existentes em sua luta para derrubar a antiga sociedade; para o último, a mesma afirmativa vale, mas com o sinal trocado - uma interrogação: ele ainda não encontra, durante esse período, sua constituição definitiva e, portanto, ainda age com base na antiga sociedade?

Como exposto anteriormente, Lenin opera a partir da dominação política como força motriz para o processo de transformação revolucionária. A ditadura revolucionária do proletariado se define pela hegemonia política da classe trabalhadora e é o fundamento do estado socialista e sua constituição organizacional. A partir da construção do poder político, a classe trabalhadora através de suas instituições transforma as relações de produção, suprimindo as diversas classes sociais nesse processo, incluindo aí o próprio proletariado. Tanto em Marx como em Lenin a ditadura se define pela condição da transitoriedade do poder político revolucionário, cuja hegemonia é exercida pela classe trabalhadora. Em *“Estado e Revolução”* Lenin equalizou a ditadura do proletariado à concepção de supremacia política, definindo-a como “(...) um poder proletário exercido sem partilha e apoiado diretamente na força das massas em armas” (Lenin, 2011, p.60).

Bogdánov nunca negou a importância do processo político na constituição do Estado Revolucionário. Ambos concordavam desde o começo de sua aliança em 1904 sobre a necessidade de uma vanguarda profissional, composta por agentes revolucionários integralmente dedicados à revolução. Ainda que discordassem do espontaneísmo das massas enquanto força revolucionária, ambos diferiam em suas causas: para Lenin, sem uma vanguarda que direcionasse o processo revolucionário, o proletariado fatalmente se limitaria às demandas economicistas, características do programa maximalista alemão (Krausz, 2015, p.32); Bogdánov, por sua vez, acreditava não ser possível para os trabalhadores, fragmentados em sua experiência subjetiva das relações de trabalho que os oprimiam, superarem tal condição sem o apoio da *Intelligentsia* organizada em uma vanguarda (Jensen, 1978, p.45).

Foi a partir de sua concepção empiriomonista de experiência que Bogdánov buscou compreender os processos sociais e históricos a partir de fundamentos organizacionais. Todo o universo, desde suas formas inorgânicas mais elementares até a atividade orgânica mais sofisticada, poderia ser descrito por meio de modelos organizacionais. A ciência é a experiência organizada de uma determinada sociedade em um dado momento histórico, cuja forma supra estrutural emerge das relações sociais de labor. A partir do trabalho social os homens produzem modelos cognitivos que substituem os fenômenos observados. Esses modelos são substituídos por complexos de

elementos cada vez mais abstratos e instáveis conforme as forças produtivas fazem avançar o esforço social frente à resistência (Gare, 2000, p.236).

Essa abordagem organizacional do conhecimento permitiu que Bogdánov avançasse a partir da concepção empiriomonista da experiência em direção à formulação teórica de uma Ciência Universal Organizacional, a Tektologia. Seu objetivo era estabelecer um conjunto científico e empírico de postulados que permitissem que modelos cognitivos fossem livre-cambiados entre os diversos campos científicos a partir da análise sistêmica de sua organização. Para seu criador, a Tektologia teria como função:

(...) clarificar os modos de organização que percebemos existir na natureza e na atividade humana; então deve generalizar e sistematizar esses modos; além disso, deve explicá-los, i.e., propor esquemas abstratos de suas tendências e leis; finalmente, baseado nesses esquemas, determinar a direção de métodos organizacionais e seu papel no processo universal (Bogdánov, 1980, p.ii).

Bogdánov partiu desse conceito e tentou a partir daí elaborar um modelo histórico que desse conta da evolução das forças produtivas a partir de seu método de substituição. Seu objetivo era menos explicar o processo evolutivo dessas forças e mais demonstrar a partir desse modelo o surgimento, desenvolvimento e transformação das formas organizativas da experiência que derivavam do processo social do trabalho. Tais elementos comporiam o arcabouço ideológico e teriam por função organizar e controlar as atividades práticas de uma dada sociedade. De acordo com Sochor (1988, p.28), Bogdánov se utilizava de uma concepção ampla de ideologia, que abarcava fenômenos como a fala, cognição, arte, costumes, leis, regras de propriedade e moralidade. Utilizando-se de metáforas extraídas da biologia, Bogdánov argumentou que a ideologia tinha uma função paralela ao papel do cérebro em um organismo: “Auxiliar no desenvolvimento da consciência de uma determinada classe significa desenvolver o alicerce de sua organização, participar na formação de um cérebro que deverá controlar aquela poderosa máquina” (Bogdánov, 1914, apud Sochor 1988, p.30).

Contra a concepção culturalista de ideologia defendida por Bogdánov atuava uma tradição social-democrata que dedicava aos fenômenos da superestrutura um papel secundário. Para Lenin, os sistemas ideológicos expressam os interesses e pontos-de-vista de uma determinada classe. A partir da vanguarda, seria possível elevar a consciência da classe trabalhadora e guiá-la em direção à revolução. Sua concepção é orientada de acordo com uma práxis que visa à luta de classes. Bogdánov, por sua vez, acreditava que as ideologias transcendem a luta política, ainda que sejam determinantes para as formas com que a luta de classes se expressa nos momentos de crise. Para ele, o desenvolvimento de uma nova ideologia não tinha tão somente fins políticos imediatos, mas era fundamental para a vitória do socialismo no futuro.

De acordo com Biggart (1990, p.64), Bogdánov defendeu que a teoria marxista apresentava diversas lacunas, hiatos que por sua vez eram ignorados por seus contemporâneos como elementos menores dentro da totalidade teórica. Ele questionou a primazia mecanicista da infraestrutura a partir da relação entre a propriedade privada, uma categoria jurídica-contratual, e as relações de produção - uma categoria econômica, infra estrutural. Ao negar a dicotomia entre objetividade e subjetividade, Bogdánov recusou por consequência as primazias do ser social sobre a consciência social, bem como a precedência mecanicista da infraestrutura sobre a superestrutura. Para ele, esse hiato se replicava no próprio programa da social-democracia, dividido entre o programa mínimo - que dirigia seus esforços para as batalhas políticas presentes - e o programa máximo - que delineava as tarefas futuras do proletariado. Bogdánov argumentava que não havia quaisquer correspondências entre os dois programas. Entre o proletariado revolucionário do presente e o proletariado mestre do futuro se estendia um abismo (Sochor, 1988, p.38).

Bogdánov se preocupou como nenhum outro social-democrata de seu tempo com o interregno entre a revolução e a constituição do comunismo. Bogdánov enxergava a constituição do socialismo não como uma série de etapas mais ou menos definidas, mas como um *continuum* (Sochor, 1988, p.40). Em artigo intitulado “*Socialismo no Presente*”, publicado no Jornal *Vpered* em 1911, Bogdánov verbalizou essa convicção: “A organização consciente da classe trabalhadora no

presente e a organização socialista de toda a sociedade no futuro são momentos diferentes do mesmo processo, estágios diferentes do mesmo fenômeno" (Bogdánov, 1918b, np).

Bogdánov acreditava que a tarefa de construção do socialismo se iniciava antes do processo de revolução e se estenderia para muito além dele. Esse esforço deveria ser precedido pelo desenvolvimento de elementos ideológicos do socialismo no cerne da classe trabalhadora e que atuariam em suas relações internas, em suas condições da vida cotidiana e que extrapolariam as relações sociais de labor baseadas na cooperação da fábrica para todos os outros aspectos da vida social. A essa tarefa de construção dos elementos ideológicos do socialismo, Bogdánov nomeou como "Cultura Operária" ou "*Proletkult*". Ao defender a criação do "*Proletkult*" como fundamento programático do movimento revolucionário, Bogdánov buscou ocupar o hiato que entendia existir entre "o ideal socialista" e a "realidade de classe". De acordo com ele:

O socialismo se tornará realidade quando não apenas o poder político e o "plano econômico", mas um novo mundo da cultura, com métodos novos e superiores, se opuser ao velho mundo cultural, com sua experiência de milênios e métodos bem estabelecidos. Para derrotar a espontaneidade social, a classe trabalhadora deve superar a espontaneidade de seu próprio desenvolvimento. Ele não pode dar ao mundo aquilo que ele próprio não possui (...) não é um salto que leva do reino da necessidade para o reino da liberdade, mas um caminho difícil (Bogdánov, 1918a).

A partir de uma concepção monística do processo de constituição do socialismo, Aleksandr Bogdánov ofereceu uma proposta de revolução distinta daquela propugnada pela teoria leninista. Bogdánov acreditava que o proletariado, desde seu surgimento, vinha desenvolvendo espontaneamente seu sistema ideológico-cultural. No entanto, esse processo era lento, porque desorganizado. Bogdánov acreditava ser papel da *Intelligentsia* prover de forma sistematizada as ferramentas organizativas com as quais os trabalhadores constituiriam um novo modelo cognitivo, uma nova cultura, uma nova ideologia. A cultura proletária é um conceito elástico que abarca o período anterior e posterior à tomada do poder. A revolução não era o único ato dramático, o ponto culminante das contradições econômicas e conflitos políticos. Era um processo que envolvia transformações multidimensionais incluindo aí a construção de uma nova cultura, fruto dos esforços laborais da classe trabalhadora, com a qual o sujeito-coletivo organizaria a construção do socialismo. Para Bogdánov, o Socialismo era, principalmente, uma questão de método (Bogdánov, 1918b).

A constituição de uma cultura operária é o "frame" organizativo para a criação de uma visão de mundo operária, cuja natureza monística superaria aquilo que Bogdánov definiu como "o grande fetichismo", i.e., a cisão entre as experiências subjetiva e objetiva. Essa ruptura organiza em todas as esferas do conhecimento os elementos ideológicos que reforçam a visão de mundo burguesa, baseada na competição e hostilidade entre produtores e proprietários. A visão de mundo operária expressaria, ao contrário, as relações cooperativas características da maquinofatura e gestaria novos elementos ideológicos, expressos em uma cultura e ciência socialistas, cuja natureza é integração da experiência total em um sistema monístico. Em sua teoria sociológica do conhecimento, Bogdánov compreendia a consciência social como resultante de dois níveis sistêmicos: tecnológico e ideológico. O esforço empreendido contra a natureza gesta a tecnologia, i.e., a organização e utilização do conhecimento relacionado ao mundo externo. O avanço de formas tecnológicas cada vez mais complexas acaba por exigir formas organizacionais semelhantes em termos de complexidade, que reforçam e organizam os processos tecnológicos. Tecnologia e ideologia formam os elementos de um sistema mais amplo, que Bogdánov categoriza como cultura e que explicariam as regularidades presentes nas transformações sociais e preservadas na cultura cognitiva (Gare, 2000, p.235).

À luz desse quadro caberia à *Intelligentsia* atuar como um "catalisador", acelerando o processo de formação da cultura operária que de outra forma seria lento, caótico e custoso. De forma metódica, a *Intelligentsia* atuaria em duas frentes: no desenvolvimento de novos intelectuais advindos das fileiras trabalhadoras; e na criação de uma nova ciência, que se fundamentasse na organização de complexos de elementos reais ou ideais. Uma ciência universal da organização que buscava abarcar métodos práticos e teóricos bem como os métodos do homem consciente e da natureza espontânea: a Tektologia. A Tektologia forneceria todos os modelos cognitivos necessários para organizar a experiência coletiva, possibilitando que métodos de áreas *específicas* fossem

livremente trocados entre diferentes campos do conhecimento. Todos os campos de conhecimento poderiam ser reduzidos a processos organizativos comuns (Sochor, 1988, p.41).

Bogdánov partiu de sua concepção monística de experiência para compreender todos os processos existentes em termos sistêmicos e organizativos: política é a forma organizacional do poder; cultura é a forma organizacional da ideologia; economia é a forma organizacional do trabalho social. Para ele, o universo é composto por uma infinidade de "sistemas" conectados organicamente e diferenciados por níveis diversos de organização. Bogdánov define como "sistema" qualquer combinação de elementos em estado de interação com o ambiente cujas partes podem ser decompostas e individualmente estudadas (Gorelik, 1980, p.329). A combinação de atividades e resistências presentes no interior de um sistema correspondem ao seu grau de organização: se a soma das forças supera as resistências, menores são as contradições em seu interior e maior é o seu nível organizacional (Bogdánov, 1980, p.41).

Bogdánov acreditava que uma revolução política não necessariamente produziria os elementos necessários para a constituição do socialismo. Sem uma cultura operária e uma nova ciência que desse conta da ampla transformação sociocultural que se espera e deseja a partir da revolução, sistemas ideológicos pertencentes a visão de mundo burguesa ainda se fariam presentes, distorcendo e adiando o processo de constituição do socialismo.

Não bastava a luta revolucionária. Era necessária a criação de uma cultura e ciência operárias. Se por um lado essa era tarefa dos trabalhadores tão somente, Bogdánov acreditava que caberia à *Intelligentsia* um papel ativo nesse processo: produzir por meio do partido as condições iniciais para o desenvolvimento desses alicerces. Como exposto anteriormente, assim como Lenin, Bogdánov não acreditava no espontaneísmo das massas. O socialismo era uma questão de método, que deveria ser aplicado pelos elementos mais preparados cientificamente - a *Intelligentsia* radical burguesa - de forma a acelerar as transformações culturais dos trabalhadores e produzir ali novos intelectuais, cujo papel seria substituir a *Intelligentsia* burguesa enquanto vanguarda revolucionária.

As diferenças entre Lenin e Bogdánov, diferentemente daquilo que defenderam diversos estudiosos a partir de leituras isoladas desse debate – já citados no começo dessa análise - não são tão somente táticas, políticas ou programáticas. São acima de tudo organizacionais.

Se tomada única e exclusivamente como mero processo político, a revolução será fatalmente distorcida pelos elementos ideológicos típicos da velha sociedade burguesa, como o patriotismo, o individualismo e o autoritarismo. Tais elementos encontram-se no cerne da *Intelligentsia* cuja filosofia é a estrutura consciente que reflete a realidade fragmentada. Na sociedade burguesa os processos são determinados por necessidades abstratas, que emergem das relações de classe e acabam por se autonomizar, ganhando controle dos próprios processos que as gestam. Bogdánov enxerga nas relações coletivistas da classe trabalhadora um denominador comum que ultrapassa as fronteiras nacionais, com potencial para superar a visão fragmentada da *Intelligentsia* e unificar as dimensões fraturadas do pensamento e da práxis em um grande monismo.

Bogdánov já não acreditava que deveria ser o papel da *Intelligentsia* atuar como vanguarda da classe trabalhadora. A partir das lições que retirou do fracasso da revolução de 1905, Bogdánov entendeu que a *Intelligentsia* – e em especial os marxistas ortodoxos - encontravam-se eivados de elementos ideológicos burgueses como o individualismo e o autoritarismo. Para ele, intelectuais burgueses que realmente refletissem a visão-de-mundo operária eram tão raros quanto "corvos brancos". Ao mesmo tempo em que tais intelectuais, socialistas por educação, colaboravam com os operários através de suas habilidades organizativas, Bogdánov também entendia que, ao fazê-lo, a *Intelligentsia* reforçava as relações autoritárias de dominação já presentes na vida laboral dos trabalhadores. Sochor argumenta que há na obra de Bogdánov uma posição cada vez mais crítica à noção de partido por perceber que é essência desse conceito a divisão social do trabalho entre organizadores e executores, cabendo aos intelectuais o primeiro papel, reforçando assim a passividade da classe trabalhadora em relação ao partido (Sochor, 1988, p.37).

Bogdánov não reserva a *Intelligentsia* um papel de vanguarda da classe operária. Ao contrário, Bogdánov enxergava nessa proposição política um risco aos esforços revolucionários por reforçar os elementos autoritários, individualísticos e fragmentários da sociedade burguesa. Isso não significa, porém, que Bogdánov descarte totalmente a participação da *Intelligentsia*, como Biggart

faz parecer. Como vimos anteriormente, é justamente a recusa do espontaneísmo das massas que fez com que Bogdánov se aliasse a Lenin na formação da facção bolchevique. Bogdánov, mesmo enquanto membro do CC do Soviete de São Petersburgo, tinha poucas ilusões a respeito do nível de consciência das classes trabalhadoras, como pode ser atestado pela carta de Kollontai a Gorki, escrita em 1905 (Porter, 1980, p.322).

Para Bogdánov, o caráter contraditório de classe gozado pela *Intelligentsia*, em um contexto de crise sistêmica condicionado pelo equilíbrio de forças na luta entre as classes sociais, pode possibilitar que a mesma ascenda provisoriamente enquanto classe dominante, apartando-se do espaço intermediário que recebe nas relações de produção, subvertendo assim sua posição subordinada aos capitalistas e sua posição organizativa entre os proletários (Biggart, 1990, p.269). Essa condição provisória permitiria que a *Intelligentsia* atuasse pedagogicamente com o objetivo de estimular o desenvolvimento de elementos ideológicos socialistas no interior da classe trabalhadora, servindo como catalisador para a formulação da visão de mundo daquela classe. Essa atuação objetivaria enriquecer a experiência coletiva dos trabalhadores com as conquistas *científicas* e artísticas mais avançadas produzidas pelo sistema capitalista. Para Bogdánov, através da justaposição desses elementos com experiência laboral coletivista dos trabalhadores, surgiria uma nova ciência, uma nova arte, que organizariam por sua vez a experiência fragmentada em um sistema monístico coeso e harmonioso.

Bogdánov acreditava que tal visão de mundo se constituiria conforme o avanço das forças produtivas esgarçassem ainda mais o hiato entre as formas organizativas burguesas e as relações cooperativas de labor, características da maquinofatura. No entanto, esse processo poderia ser acelerado através da *Intelligentsia* com vistas a prover a classe trabalhadora de uma “disciplina intelectual formal”, de forma a instilar nela o surgimento de futuras lideranças revolucionárias (Bogdánov, 1909, apud Marot 1990, p.253). Caberiam então aos intelectuais as tarefas de completar a educação dos trabalhadores para o socialismo e ajudá-los a expressar sua visão de mundo sem, no entanto, distorcer seu conteúdo por conta de sua formação ideológica burguesa.

Aos intelectuais socialistas, limitados pelos elementos ideológicos característicos da visão de mundo burguesa, caberia a formação de uma nova *Intelligentsia* saída das fileiras da classe trabalhadora e armada com as mais avançadas técnicas culturais. Somente esses, “socialistas por nascimento”, cuja visão de mundo é constituída diretamente pela práxis do labor, seriam capazes de liderar o processo revolucionário. A partir de sua abordagem culturalista da revolução, Bogdánov organizou a dissidência vperedista que, entre 1909 e 1911, fundou nas cidades de Capri e Bolonha duas universidades proletárias, com o objetivo de formar lideranças socialistas entre trabalhadores emigrados russos. Posteriormente, já durante a Guerra Civil em 1919, os vperedistas acabariam por criar, a partir da proposta bogdanoviana, o Proletkult.

No pensamento de Bogdánov, o conhecimento é o intercurso psíquico e a transferência e todas as formas de experiências entre os membros da totalidade social. Por essa razão a cultura em suas muitas formas tem uma estrutura interna, uma função organizacional implícita. Qualquer fruto da cultura tem a sua própria arquitetura e representa a totalidade subdividida das partes, realizando uma variedade de funções intercomplementares. Bogdánov defendia que a cultura exerce um papel real e prático na sociedade, uma tarefa organizacional. Mais do que tratar a cultura como um epifenômeno, algo que se encontra implicado no uso do termo superestrutura, ele sugeriu uma concepção estruturalista de cultura. A cultura formava um tipo de infraestrutura na sociedade com seu próprio papel definitivo. A despeito de sua aparência puramente idealista e intangível, a ideologia funciona como o esqueleto das relações humanas.

O progresso tecnológico é sempre o ponto de partida para Alexander Bogdánov, pois é ele que engendra o processo de fragmentação da sociedade em classes e grupos sociais:

(...) à base das divisões sociais reside no progresso tecnológico, na produção, mas seu momento formativo é a ideologia, ou várias ideologias. O fundamento de uma sociedade de classe é a ausência mútua de compreensão entre grupos sociais: suas

experiências de vida, suas organizações, suas aspirações, suas percepções de mundo se tornam totalmente diferentes (Bogdánov, 1914, apud Sochor 1988, p.71).

Para Bogdánov, o surgimento de novas formas cognitivas, adequadas às novas formas de produção, se baseariam nas necessidades revolucionárias e na solidariedade de classe. Bogdánov adiciona um critério cultural para se pensar o conceito marxista de classe, problematizando com isso a compreensão do processo de formação e dissolução das classes. Para o proletariado ascender ao poder ele deve adquirir todas as funções úteis de direção do sistema de produção antes do momento da revolução. Sem esse aprendizado, a eliminação da classe proprietária poderia levar a um retrocesso através da destruição da alta cultura e a transição para uma cultura menos sofisticada (Sochor, 1988, p.76). Bogdánov dedica assim um importante papel à ideologia, menos como um catalisador e mais como um obstáculo. No momento em que as ideologias se tornam obstáculos cada vez maiores ao progresso, sua ruptura e destruição se tornam uma necessidade organizacional. Sem a destruição dos antigos complexos ideológicos que estruturam a sociedade de classes, o socialismo fatalmente se desviaria, tornando a análise de Sterni uma profecia autorrealizável.

A expulsão de Bogdánov a partir da reunião do Comitê Central do jornal *Proletarii* é fato histórico bastante conhecido. No entanto, é possível propor um novo olhar para esse momento e que passara despercebido pela historiografia até aqui analisada: esse não fora um rompimento unilateral, que partira exclusivamente de Lenin. Bogdánov já havia rompido, ao menos intelectualmente, com o bolchevismo. As razões de sua expulsão não são meramente factuais (Jensen, 1978, p.24), econômicas (Glenny, 1970, p.212) ou políticas (Marot, 1990, p.243), mas fundamentalmente epistemológicas. Enquanto Lenin reivindicava como fundamento tático da revolução a hegemonia política do partido na forma da vanguarda, Bogdánov reivindicava a hegemonia ideológica a partir de uma nova cultura. Não podemos responder se tais diferenças eram contornáveis. Sabemos somente que, por força do contexto já suficientemente descrito pela historiografia relevante, acabaram por se tornar posições irreconciliáveis. O fim da filosofia e sua substituição por uma Ciência Universal Organizacional é o ponto de chegada de Bogdánov. Tal ponto só seria possível a partir da unificação das experiências individual e coletiva em um sistema monístico que levaria à dissolução de todas as dicotomias e fragmentações do real, compondo por fim um grande coletivo orgânico, um único sistema. Nesse grande coletivo mesmo a individualidade acaba por se subsumir ao todo. Para Bogdánov o avanço técnico dessas mesmas forças acaba por eliminar o trabalho alienado e as divisões social e técnica do trabalho, restando tão somente o organizador do processo de produção, o mestre da maquinofatura. Partindo do socialismo científico, o socialismo vislumbrado por Bogdánov é um socialismo da ciência, em que cada ato de produção é um ato científico. Não há operários e gerentes, pois não há divisão entre trabalho manual e intelectual. Há tão somente cientistas e engenheiros unidos em uma grande ciência organizacional, a depositária definitiva de todo o conhecimento, o fundamento máximo do socialismo empiriomonista.

Referências bibliográficas

- BALLESTREM, Karl G. "Lenin and Bogdanov." *Studies in Soviet Thought*, vol. 9(4), 283-310, 1969.
- BANKS, Eric C. *Ernst Mach's World Elements: A Study in Natural Philosophy*. Dordrecht: Springer Science, 2003.
- BIGGART, John. "Alexander Bogdanov and the Theory of a "New Class"." *The Russian Review*, vol. 49(3), 265-282, 1990.
- BOGDÁNOV, Aleksandr. "Programma Kul'turi." In: *Voprosi Sotcializma*, 1918a. URL <https://ruslit.traumlibrary.net/book/bogdanov-voprosy-socialisma/bogdanov-voprosy-socialisma.html#work008003>
- _____. "Sotcializm v Nastoiashchem." In: *Voprosy Sotsializma*, 1918b. URL <https://ruslit.traumlibrary.net/book/bogdanov-voprosy-socialisma/bogdanov-voprosy-socialisma.html#work004>
- _____. *Essays in Tektology*. Seaside: Intersystems Publicatons, 1980.
- _____. *The Philosophy of Living Experience*. Leiden: Brill, 2016 [1913].
- BOLL, Michael. "From Empiriocriticism to Empiriomonism: the Marxist Phenomenology of Aleksandr Bogdanov." *The Slavonic and East European Review*, vol. 59(1), 41-58, 1981.
- BRANDIST, Craig. *The Dimensions of Hegemony: Language, Culture and Politics in Revolutionary Russia*. Leiden: Brill, 2015.
- DANIELS, Robert Vicent. *The Conscience of Revolution: Communist Opposition in Soviet Russia*. Boulder: Westview Press, 1960.
- ENGELS, Friedrich. *A Dialética da Natureza*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1979.
- GARE, Arran. "Aleksandr Bogdanov's History, Sociology and Philosophy of Science." *Studies in History of Philosophy and Science*, vol. 31(2), 231-248, 2000.
- GLENNY, Michael. "Leonid Krasin: The Years before 1917. An Outline." *Soviet Studies*, vol. 22(2), 192-221, 1970.
- GLOVELI, Georgii D. & BIGGART, John. "'Socialism of Science" versus "Socialism of Feelings": Bogdanov and Lunacharskii." *Studies in Soviet Thought*, vol. 42(1), 29-55, 1991.
- GORELIK, George. "Bogdanov's Tektology: its basic concepts and relevance to modern generalizing sciences." *Human Systems Management*, vol. 1(4), 327-337, 1980.
- _____. "Bogdanov's Tektology: Its Nature, Development and Influence." *Studies in Soviet Thought*, vol. 26(1), 39-57, 1983.
- HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1988.
- JENSEN, K. M. *Beyond Marx and Mach: Aleksandr Bogdanov's Philosophy of Living Experience*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1978.
- JORAVSKY, David. *Soviet Marxism and Natural Science: 1917-1932*. New York: Routlegdge Library Editions, 1961.
- KRAUSZ, Tamás. *Reconstructing Lenin. An Intellectual Biography*. New York: Monthly Review Press, 2015.
- LENIN, Vladimir Ilich. "Those who would liquidate us." In: *Lenin: Collected Works*, vol. 17. Moscow: Progress Publishers, 1977.
- _____. *Materialismo e Empiriocriticismo*. Lisboa: Editorial Avante, 1982.
- _____. *O Estado e a Revolução*. Campinas: Editora Navegando, 2011.
- MAROT, John Eric. "Bogdanov, Vpered and the Role of the Intellectual in the Worker's Movement." *The Russian Review*, vol. 49(3), 241-264, 1990.
- _____. "Marxism, Science, Materialism: Toward a Deeper Appreciation of the 1908-1909 Philosophical Debate in Russian Social Democracy." *Studies in East European Thought*, vol. 45(3), 147-167, 1993.
- PLEKHANOV, Georgui. *Materialismus Militans: Reply to Mr. Bogdanov*. Moscow: Progress Publishers, 1976 [1908]. URL <https://www.marxists.org/archive/plekhanov/1907/materialismus-militans.htm>
- PORTER, Cathy. *Alexandra Kollontai: a biography*. London: Virago Press, 1980.
- ROWLEY, David G. "Bogdanov and Lenin: Epistemology and Revolution." *Studies in East European Thought*, vol. 48(1), 1-19, 1996.
- SOCHOR, Zenovia. *Revolution and Culture: The Bogdanov-Lenin Controversy*. Ithaca: Cornell University Press, 1988.

STERNIN, A. *Sobre a obra de V. I. Lenin "Materialismo e Empiriocriticismo"*. Porto: Edições Progresso, 1988.

WHITE, James D. *Red Hamlet: The life and Ideas of Alexander Bogdanov*. London: Brill, 2018.

YASSOUR, Avraham. "Lenin and Bogdanov: Protagonists in the "Bolshevik Center"." *Studies in Soviet Thought*, vol. 22(1), 1-32, 1981.

Recebido em

Aprovado em